

AFRO IDENTIDADES POSITIVAS: CONSTRUINDO DUCTOS DE LEGITIMAÇÃO A PARTIR DOS MARCADORES SOCIAIS.

Antonio Cesar Lins Rodrigues

Doutor em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Campus Cubatão (IFSP-CBT), Cubatão – SP, Brasil.

RESUMO: O presente artigo versa sobre uma experiência envolvendo a questão racial, particularmente o marcador social cabelo crespo, realizada com alunas e alunos da turma de 5º ano “A” do ensino fundamental, de uma escola municipal situada em Cubatão-SP. Por se trabalhar com questões ligadas diretamente a um grupo socialmente excluído, lançou-se mão dos Estudos Culturais como referencial teórico, já que em sua concepção, posicionam-se criticamente no tangente às relações de poder foucaltianas permeantes à sociedade, assumindo claramente as causas dos grupos em desvantagem nessas relações. Utilizou-se a análise de produtos culturais relacionados à construção das diferenças, esses extraídos das TICs e de situações do cotidiano pedagógico. A música e as redes sociais foram utilizadas como recursos didáticos subsidiando as ações e reflexões acontecidas durante a realização da experiência, essa tendo a duração de todo o ano letivo de 2016. Utilizou-se o Estudo de Caso como método em função do diálogo desse com as características principais da experiência. Como principais resultados, obtiveram-se: assunção da afro identidade por parte das atrizes e atores, o entendimento do “cabelo crespo” como um marcador social de elevação da autoestima e a construção de espaços de discussão a respeito das relações de poder presentes no cotidiano pedagógico.

Palavras-chave: Afro Identidades. Cabelo Crespo. Marcadores sociais.

ABSTRACT: The present article is about an experience involving the racial question, particularly the social marker curly hair, performed with students and students of the 5th grade class "A" of elementary school, from a municipal school located in Cubatão-SP. By working with issues directly related to a socially excluded group, Cultural Studies was used as a theoretical reference, since in its conception, they position themselves critically on the tangent to Foucaultian power relations permeating society, clearly assuming the causes of disadvantaged groups in these relationships. We used the analysis of cultural products related to the construction of the differences, those extracted from the TICs and situations of the pedagogical quotidian. Music and social networks were used as didactic resources, subsidizing the actions and reflections that occurred during the experience, which lasted for the entire academic year of 2016. The Case Study was used as a method in function of the dialogue with this one the main characteristics of the experience. As main results were obtained: the assumption of the afro identity by actresses and actors, the understanding of "curly hair" as a social marker of elevation of self-esteem and the construction of spaces of discussion regarding the relations of power present in daily life pedagogical.

Keywords: Afro Identities. Curly hair. Social bookmarks.

INTRODUÇÃO

Os escritos que se seguem trazem o registro de uma experiência com a questão racial na escola, especificamente vivenciada com alunos do 5º ano “A” do ensino fundamental de uma escola do município de Cubatão – SP.

Tal experiência se encontra atravessada de uma série de eventos de cunho discriminatório e racista que, repetidamente, colocavam em xeque a estabilidade das relações interpessoais acontecidas no ambiente escolar entre as/os discentes da referida turma.

Na busca da genealogia de tais acontecimentos e pensando-se numa perspectiva mais abrangente, observou-se que tais conflitos não estavam presentes nos espaços de aprendizagem por um acaso. Ao contrário, se situavam como reflexo de algumas questões que passaram a povoar o contexto escolar, principalmente com o advento da constituição de 1988. Lins Rodrigues ratifica tal conjectura nos escritos que seguem:

[...] com a emergência da Constituição de 1988, principalmente no seu artigo 205, as escolas brasileiras tenham sofrido uma radical mudança na composição de suas atrizes e atores, acrescentando aos seus volumes humanos, por conta da mesma, uma mais que considerável quantidade de estudantes negras e negros (LINS RODRIGUES, 2015, p. 13).

Vinte e oito anos após o advento da constituição cidadã, eventos como os identificados na experiência não são incomuns, isso por conta da tensão pululante entre as identidades hegemônicas e os grupos historicamente excluídos nos processos inerentes à convivência em sociedade, dentre esses, o de escolarização, um dos fulcros da presente análise.

Segundo Gomes, o cabelo é um importante ícone de suporte identitário da população negra (2003, p. 173) e corroborando com tal afirmação, buscaram-se engendramentos crítico-pedagógicos, para se avançar na construção de possibilidades que dessem conta das demandas excludentes ligadas a esse

marcador social (cabelo crespo) no lócus específico de pesquisa. Para tanto, elaborou-se o projeto/pesquisa Afro Identidades Positivas. Esse projeto surgiu a partir da necessidade de se discutir o racismo no cotidiano pedagógico, já que tal conteúdo – não obstante sua relevância e obrigatoriedade via Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 que institui o Estatuto da Igualdade Racial –, não era trabalhado em sala de aula, repetindo a realidade curricular encontrada em diversas instituições de ensino Brasil afora.

MÉTODOS

Realizou-se a presente pesquisa na Unidade Municipal de Ensino Estado do Espírito Santo, situada à Avenida Martins Fontes, nº 1191, bairro Vila Nova, município de Cubatão. O município de Cubatão se situa no Estado de São Paulo, na Região Metropolitana da Baixada Santista, microrregião de Santos, com população, segundo o IBGE de 118.720 habitantes. Possui o IDH de 0,737, sendo considerado uma Estância Balneária, o que lhe confere algumas características de flutuação do volume populacional em feriados estaduais ou nacionais, fins de semana prolongados, e por ocasião do período de férias escolares.

A escola funciona em dois turnos com cinco turmas em cada turno, atendendo a estudantes do ensino fundamental. A escola é dotada de recursos das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, sendo equipada com ar condicionado em todas as salas. A turma pesquisada era composta por 35 alunos.

Por ter no ambiente natural a sua fonte direta e mais importante de dados, sendo o pesquisador o instrumento principal e mantendo contato direto e afinado com a situação na qual os fenômenos ocorrem, levando em conta todas as perspectivas dos envolvidos e a imersão na realidade estudada, elegeu-se o estudo de caso como método.

Utilizou-se a seguinte percurso metodológico: interpretação da mensagem contida na letra da música criada; discussão a respeito de cada situação levantada, mediante a opinião de cada estudante envolvido; publicação das

experiências na página Afro Identidades Positivas no Facebook, criada em conjunto entre o corpo diretivo da escola e os alunos; divulgação das experiências nas redes sociais para toda a comunidade escolar; criação de ações concretas de combate ao racismo dentro da escola e por fim, estabelecimento de uma ligação interdisciplinar da questão racial com os demais conteúdos curriculares.

Em virtude do entendimento do objeto tratado como de grande complexidade, acatou-se a hermenêutica crítica como instrumento de análise de dados em função do mesmo superar os antagonismos das interpretações superficiais, mergulhando mais densamente nos textos sociais e sua produção contextual atrelada à construção dos seus produtores e os significados inerentes ao desenvolvimento dessa produção (KINCHELOE; McLAREN, 2006, p. 288).

RESULTADOS

Positivar as Afro identidades nada mais é do que avançar na luta pelo reconhecimento de mais uma forma de ser brasileiro. É pensar num país onde outros referenciais raciais estão presentes na formação do cidadão. É dar espaços para que alunos passem a proferir depoimentos como o que se segue:

[...] eu acho que a minha origem é uma origem da qual tenho muito orgulho... por que, tem gente que ainda tem preconceito... mas, acho que quem tem essa minha cor, sabe do que eu estou falando...Ah! É uma coisa muito legal (ALUNA DO 5º ANO "A", 2016).

A partir de resultados como esse descrito no depoimento, pensa-se em posituação das Afro identidades como a construção de um movimento de avanço na reflexão sobre a questão referente aos muitos avanços possíveis dentro da escola, enxergando-a como um dos poucos locais institucionais de concentração humana da atualidade, no qual ainda se tem muita coisa a oferecer à sociedade. Consiste também em admiti-la, quiçá, como o caminho, senão mais eficaz, mas, pelo menos, mais acessível à grande massa populacional brasileira, no combate às desigualdades e reconhecimento das diferenças inerentes às demandas sociais instituídas pela contemporaneidade.

Consente-se que a produção do indivíduo-referência traz em seu escopo a essencialização de uma identidade-matriz como código de acesso à humanidade, conforme já se dissera anteriormente. Tal estrutura está imbricada na construção do corpo-referência e nele, toda fenotípi permitida ou não, quando o sujeito ajuizado encontra nos seus marcadores sociais – no presente caso em seus cabelos – a sua senha de permissionário à cidadania legitimada. Observando as determinações constitutivas do que vem a ser um sujeito em idade infantil na escola, por exemplo, segundo os escritos de Corazza (2001), podem-se atestar os,

[...] aspectos morais, constituidores de uma verdadeira ontologia-escolar específica. Ontologia que não descreve um infantil essencial (mesmo porque este não existe), mas produz uma essência infantil-escolar, um universal e genérico sujeito, dotando-o de qualidades em nada alheias àquelas habilidades, atitudes, condutas, que, supostamente, estavam apenas sendo observadas, para depois serem simplesmente descritas (CORAZZA, 2001, p. 39).

Admitindo-se que essa construção identitária, mesmo que sendo referente à idade infantil na escola, está ligada a formas legitimadas de existir em sociedade, pressupõe-se tal engendramento como genealógico no estabelecimento de certos corpos e seus fenótipos a partir do referencial Euro-Estadunidense.

Na contrapartida de todas as questões iniciais identificadas ao se iniciar a experiência, tem-se repercussão do trabalho feito durante a realização do projeto incidindo na ressignificação das ideias de ascendência africana, dos marcadores sociais inerentes e de suas representações constructo identitário das alunas e alunos do 5º ano “A”.

Aos poucos, meninas e meninos do 5º ano “A” perceberam o comportamento negativo em relação à questão racial. A partir daí tinha início uma pesquisa sobre os vários tipos de cabelo, para em seguida analisá-los como herança Afro, sendo motivo de orgulho. Dessa descoberta outras percepções foram sendo afloradas, por exemplo, a Afro identidade passou a ser assumida positivamente. Experiências vivenciadas e presenciadas nas quais o racismo estava presente foram trocadas entre todas e todos, sendo que muitos questionamentos a respeito da falta de oportunidades igualitárias em todos os

setores da sociedade foram trazidos à discussão em sala de aula, todas levantadas pelos alunos. De maneira paulatina e reflexiva, as atitudes discriminatórias foram sendo observadas por elas e eles, sem que passassem ao largo de discussões críticas para a resolução do problema, deixando claro que tais eventos não poderiam mais perdurar naquele grupo.

As ações tomaram uma proporção tão grande e abrangente que, por iniciativa própria, as alunas e alunos tiveram a ideia de construir cenas teatrais a partir das quais pudessem convidar mães, pais e demais membros da comunidade escolar para tratar da questão racial, num verdadeiro fórum de cidadania. E assim o fizeram, construindo uma apresentação para toda a escola com cenas teatrais que evidenciavam casos de racismo. Após cada cena, uma aluna, no papel de interlocutora, ia à plateia comentando as situações apresentadas e pedindo para que as pessoas se posicionassem a respeito.

Essa atividade serviu como fechamento de todas as experiências vividas durante o ano de 2016 e há que se ressaltar que a maioria das ações estão disponíveis na página Afro Identidades Positivas no Facebook, alimentadas pelos usuários de tal recurso e constantemente revisitadas pelas atrizes e atores que protagonizaram a pesquisa.

Para os professores envolvidos diretamente na presente pesquisa, realizar essa experiência foi mais uma prova de que a questão racial está presente a todo o momento nas salas de aula e, por conta dessa presença, é necessário que seja abordada com seriedade, comprometimento, constantemente e com muita coragem. Talvez seja essa uma das férteis possibilidades mais concretas e próximas aos ideais de justiça social e justiça curricular, a última entendida como:

[...] o grau em que uma estratégia pedagógica produz menos desigualdade no conjunto de relações sociais ao qual o sistema educacional está ligado, pautada, a seu ver, por três princípios: (a) os interesses dos menos favorecidos, (b) participação e escolarização comum e (c) a produção histórica da igualdade (CONNELL, 2003).

DISCUSSÃO

Em meio a uma contemporaneidade na qual as questões relativas às novas configurações da escola – conforme já se dissera anteriormente – tomada por um grupo de estudantes que chegam às salas de aula a partir do advento da constituição de 1988 e sendo mais que respaldadas pelo artigo 206, inciso I a que garante a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, admitiu-se um profundo incômodo na constatação das tensões de convivência encontradas, particularmente, nas relações discentes do contexto por ora analisado em virtude de tais tensões trazerem a questão racial como o componente principal.

Ademais, entendia-se não somente como preocupante, mas também intrigante tal situação, já que Cubatão, segundo dados do IBGE (2007), foi apontada como uma das cidades onde se encontrava o maior número de negros declarados em nível de proporcionalidade por habitante no Brasil.

Infere-se que tal constatação suscite a discussão sobre a incidência do racismo em nossas escolas e os reflexos diretamente sofridos por nossas alunas e alunos negros e não negros .

Na medida em que elas e eles transitam, a todo o momento, sob a tensão de não terem os seus referenciais de Afro descendência reconhecidos, ou de não serem vistos dentro do lócus escolar, compreendendo o mesmo, como o espaço onde as relações cotidianas de construção da cidadania – pelo menos em hipótese – aconteçam a todo o contato entre os sujeitos, julga-se que as oportunidades de justiça social se encaminhem para exclusão social, a cada novo episódio de tensão na convivência pedagógica, por mais simples esse que seja.

Em virtude dessa exclusão, a busca incessante de um perfeito enquadramento no referencial de legitimidade socio historicamente construído, encontra-se presente nas relações discentes cotidianas, transformando-se, numa significativa quantidade dos casos, em tristes episódios de violência física e/ou psicológica de perversas e muitas vezes irreversíveis consequências na construção das subjetividades discentes.

Por se perceber a centralidade da cultura como inerente à existência humana, não se pode deixar de ressaltar a influência que a mesma exerce sobre o étnos pedagógico, já que, pela “forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo” (HALL, 1997), entende-se não ser possível apartá-la da responsabilidade pelo delineamento de configuração da sociedade.

Baseando-se nos escritos supracitados pode-se dizer que a centralidade da cultura tem capital importância na construção da autoinvisibilização refletida, já que, em uma parte significativa do acesso às mensagens veiculadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs e outros instrumentos construtores de identidades, a criança negra sofre um bombardeio imagético da identidade-referência. Tal fato promove a busca por um corpo que não é seu, ou seja, enxergar-se na imagem do outro legitimado, desejando, a partir dessa autoimagem apócrifa, construir para si um código de acesso ao referencial de humanidade que há muito lhe vem sendo negado. E mesmo com os deslizamentos e escapadas dos significados que a cultura dá aos corpos, apesar de toda essa multiplicidade e suscetibilidade às mutações de um novo entendimento (LOURO, 2003), ainda assim, entrevê-se, pelo menos na particularidade da presente experiência, a sofisticação na capacidade de penetração da referência racializada no que diz respeito à condução da constituição das subjetividades.

Nesse quadro, o currículo escolar age como um elemento ratificador do processo de autoinvisibilização refletida, à medida que promove – não somente das aulas suas propostas, mas em todas as etapas da escolarização –, modelos culturais Euro-Estadunidense, nos quais a ideia de corpo-referência traz em seu escopo a determinação de que apenas certos corpos, portadores das identidades legitimadas, estão autorizados à aceitação plena dentro do ambiente escolar.

A presença constante de inúmeras formas de depreciação verbal e, algumas vezes físicas, entre os estudantes do 5º ano “A”, com especial ênfase nas questões relativas à Afro descendência, confirmou a presença do racismo e discriminação em relação às alunas e alunos negros da turma em questão.

Múltiplas formas de depreciação aconteciam repetidamente no trato entre os pares e essas potencializadas pelo marcador social cabelo crespo, que caracterizava a fenotipia de pertença racial das alunas e alunos da população negra dessa turma.

Há algum tempo desenvolvendo pesquisas ligadas ao tema, entendeu-se que o escopo do trabalho deveria ser o racismo, especialmente no tocante à busca de alternativas que despertassem o interesse das alunas e alunos para a abordagem da questão. Como instrumento didático se trabalhou com a música dentro de uma perspectiva crítica e não somente ligada ao caráter lúdico, pesada como um recurso pedagógico facilitador de ações educacionais. Seguindo este caminho, elaborou-se uma canção sobre a questão racial baseada nos marcadores identitários presentes nas ofensas depreciativas acontecidas no cotidiano escolar daquela turma, tendo o cabelo crespo o principal deles. Como resultado se obteve a canção autoral “Meu cabelo enrolado”:

*Meu cabelo é enrolado, muito lindo todo armado
Bem pra cima, bem de lado minha personalidade
Ele é afro, rastafári, conta a história do meu povo
Representa o velho e o novo minha ancestralidade
É bem mais que sua fala, quando tenta desprezá-lo
E jamais eu cortá-lo por seus comentários tolos – não, não, não, não, não, não,
Meu cabelo é enrolado, ondulado, meu tesouro de cachinho Black Power
Ele é Sarará Crioulo
Eu não vou cortar juro não vou, nem vou alisar jamais eu vou
Só pra te agradar me faça o favor, se quiser gostar é assim que eu sou
Meu cabelo sempre enfrenta tudo que é propaganda
E não cede se agiganta quando alguém fica falando dele da cor da minha pele
E resiste à tentação, das escovas ou chapinhas,
Meu cabelo é coisa minha, de justiça, é minha sede...*

Foram desmembradas as mais variadas formas de interpretações da música, procurando-se conexões interdisciplinares estabelecedoras de um diálogo, não somente com as questões sociais sugeridas na composição, como

também com as demais, todas elas presentes nas várias situações de conteúdo reconhecido e dos saberes não reconhecidos na escola, escrutinando-se os porquês desses reconhecimentos e não reconhecimentos.

Como forma de ancorar os estudos culturais dentro das práticas pedagógicas, tem-se trabalhado com a possibilidade de um currículo multicultural. Tomou-se esse direcionamento teórico, pois se compartilha do entendimento de Silva no qual os estudos culturais se contrapõem à cultura dominante como sinônimo de cultura, propondo uma compreensão de cultura como uma forma de vida global ou de experiência vivida por um grupo social, não havendo diferença qualitativa entre as culturas de todas as classes sociais (2010 apud LINS RODRIGUES, 2015, p. 21).

Parte-se do princípio de que todas as demandas contemporâneas da escola, identificadas ao longo desses escritos e relacionadas à inclusão dos grupos historicamente excluídos no processo de escolarização vigente na sociedade brasileira, devam estar atreladas a um currículo como o proposto por Neira (2007), segundo o qual:

1. Sejam discutidas e compreendidas as difíceis realidades de subjugabilidade dos atores escolares não legitimados;
2. Se aponte a apreciação das diferenças culturais como riqueza;
3. Se leve em consideração o contexto sócio-histórico de construção das realidades culturais diversas;
4. Se busque promover alianças democráticas estratégicas em favor da justiça social;
5. Por fim, desvele os processos educativos partidários das classes dominantes, não permitindo o entorpecimento dos esforços por equidade dos menos favorecidos e buscando, acima de tudo, uma diversidade que apreenda o fulcro de interesse pela justiça social.

CONCLUSÃO

Não obstante à presença constante de situações de deslegitimação das afro identidades na escola, por conta de uma série de fatores relacionados aos mecanimos de disciplinarização de extrema eficácia, nos quais “o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, sendo o que se pode chamar de disciplinas” (FOUCAULT, 2009, p. 133), a disposição à resistência faz-se presente por meio das tensões ocasionadas pelas disputas de **lugares de se existir**, onde a população discente negra de um modo ou de outro se coloca para continuar a acontecer no espaço escolar.

A depreciação vinculada à raça, na qual se estabelece uma relação intrínseca entre as virtudes morais, psicológicas, culturais, intelectuais e os traços biológicos, acaba convergindo na hierarquização das nomeadas raças inferiores e superiores (MUNANGA, 2000, p. 25) e esse movimento tem sérias consequências para suas vítimas, acabando marcadas pelo traço da desvantagem sociocultural atribuída pela cor. Essa é uma situação clássica de racismo e encontrava-se na presente pesquisa, servindo como objeto mobilizador da pesquisa e de todas as ações propriamente dita que dela advieram.

A atenção constante às questões inerente às diferenças em sala de aula se torna de capital importância dentro do contexto sociohistórico da contemporaneidade. Mesmo com o advento de uma série de expedientes legais – alguns deles citados ao longo do presente texto –, percebe-se os mesmos imersos em uma insuficiência condicional, na medida em que não forem vistos como extremamente necessários por parte das atrizes e atores que compõem o quadro docente e de direção.

Crianças negras compõem mais que significativamente o perfil escolar de nosso país e, por assim o serem, têm o direito de reconhecimento de seus corpos e todas as representações inerentes. A todo o tempo relações conflituosas de poder põem à prova o processo de escolarização ao qual são submetidas as alunas e alunos de nossas escolas. A busca por espaços de legitimação fazem

do currículo um território contestado, tencionando garantir o consenso para obtenção da hegemonia (SILVA, 2010, p. 16). Anuie-se ser o papel da escola, por meio das/dos docentes, a criação de espaços onde, de fato e não somente de direito, os grupos deslegitimados curricular e socialmente, como, por exemplo, a população negra escolar por ora descrita no presente artigo, possam garantir – conforme dito anteriormente – os seus **lugares de existir** e esses com a marca indelével do **reconhecimento** como ponto pacífico de suas presenças.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2007.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BRASIL. Lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 jul. 2010.

CONNELL, Raewyn. **Schools and social justice**. Montréal: Our Schools/Our Selves Education Foundation, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?**: pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2007.

KINCHELOE, Joe. L.; McLAREN, Peter. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LINS RODRIGUES, Antonio Cesar. Racismo e educação física: A tergiversação do corpo saudável em prol da assepsia curricular euro-estadunidense. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queiroz, Ano 1, numero 1, março de 2010. Disponível em: <http://www.faceq.edu.br/regs/downloads/numero01/racismoeEducacaoFisica.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

_____. Branco sim. Moreno, às vezes. Negro jamais! In: 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais em Educação – **4º SBECE e 1º Seminário Internacional de Estudos Culturais em Educação** – 1º SIECE, 4, 2011, Rio Grande do Sul. Anais. Rio Grande do Sul: ULBRA, 2011, p. 437.

LINS RODRIGUES, Antonio Cesar. **Corpos e culturas invisibilizados na escola**: racismo, aulas de educação física e insurgência multicultural. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-02072013-134016/>. Acesso em: 25 abr. de 2018.

_____, Antonio Cesar. **Culturas negras no currículo escolar**: apresentando o Samba como possibilidade de resistência cultural. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/cesar_rodriques.pdf. Acesso em: 25 de abr. de 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpos que escapam**. Labrys estudos feministas. Distrito Federal, n. 4, agosto/dezembro, 2003. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/guacira1.htm>. Acesso em: 22 abr.2018.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, A. A. P. (Org.). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói, RJ: EdUFF, 2000.

NEIRA, Marcos Garcia. **Ensino de Educação Física**. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.